

FONTE : Dupinias / Cidade - Ijuí

CLASS. : 882

DATA : 07 07 98

PG. : 4

PONTO CRÍTICO

Indígenas e Ijuí- I

Ligia T. Lopes Simonian - Antropóloga, doutoranda pela Universidade da Cidade de Nova Iorque.

O próprio vocábulo Ijuí necessariamente reporta à uma relação com os indígenas, no caso, Guarani. Mas é a passagem do centenário da implantação da colônia de Ijuí, e a recente afirmação do sr. Leonel de Moura Brizola, de que nesta cidade existe "um ninho" de integrantes "do PT e do CIMI" (sic) que tentam desmerecê-lo ao denunciarem sua responsabilidade quanto à expropriação imposta aos indígenas do Estado, em infícios dos últimos anos sessenta (O Estado de SP, 20/09/89, pg.5), que estão a impor uma reflexão sobre as relações estabelecidas entre as populações indígenas do Estado, e o espaço e a sociedade local.

Em que pese a inexistência de uma presença marcante no solo ijuicense em tempos mais recentes, especialmente do tipo redução, missão, aldeamento, toldo, etc..., evidências existem e permitem demonstrar que relações importantes foram estabelecidas inicialmente entre os indígenas o "locus", e depois entre eles e segmentos os mais diversos da sociedade ijuicense.

As matas originárias de Ijuí constituem-se em referencial da maior relevância para os Kaingang liderados pelo cacique Fong em infícios do século XIX, pois é nelas que eles estabelecem sua retaguarda, é delas que eles organizam a sua resistência à invasão de seu território, e é para elas que eles retornam após os ataques desferidos aos primeiros ocupantes brasileiros de Cruz Alta. Até a expansão da sociedade brasileira na região Noroeste do Estado, os Kaingang de Fong dominavam a área entre os rios da Várzea e Uruguai, e ao norte do Planalto e das Missões.

Ante tal expansão e o aldeamento dos Kaingang do Campo Novo e do Guarita, é possível que alguns indígenas tenham se fixado nas matas de Ijuí, o mesmo ocorrendo ante a destruição das Missões quando alguns Guarani possam ter nelas se refugiado. É também provável que alguns tenham permanecido ao se incorporarem no processo de exploração da erva mate, o qual tem início pouco tempo após a conquista das Missões em 1801. De todo modo é certo que alguns indígenas viviam em Ijuí por ocasião da implantação da colônia em 1890, conforme atesta o pe. Cuber (CUBER, 1975 (1898): 30).

Com exceção de algumas notícias veiculadas pelo Correio Serrano, existe um "vácuo" em termos de informações sobre a relação Índios/Ijuí, para as primeiras décadas deste século. Sabe-se, no entanto, que muitos ijuenses expulsos do campo invadem as áreas indígenas de Inhacorá, Guarita e Serrinha, isto nos anos sessenta. Mas em meados deste século percebe-se uma intensificação nas relações ora mencionadas.

De fato, além da imprensa local que passa a veicular notícias mais sistemáticas sobre as condições dos índios do Estado, e em especial dos de Inhacorá e de Guarita, políticos eleitos com o voto ijuicense, tais como Antonio Bresolin e Alberto Hoffmann, envolvem-se no processo expropriatório das terras indígenas (Correio Serrano, 10/08/60), o qual resulta numa redução de mais de 50% das terras demarcadas pelo próprio Estado, nas décadas anteriores. Mais, uma das poucas vozes contra as injustiças praticadas contra os indígenas do Estado levanta-se de Ijuí, através da profa. Tereza Tarragô, a qual publica artigos e dá entrevistas aos meios de comunicação em defesa dos direitos indígenas (Correio Serrano, 01/11/1961). Esta professora tenta ainda buscar alternativas, embora muitas de caráter paternalista, numa tentativa de demonstrar que os indígenas eram tão capazes como qualquer outro cidadão. Neste sentido suas ações concretas envolvem a participação de indígenas na Colônia de Férias do Itaf, o ingresso de alunos no Internato Rural Pedro Maciel e no Instituto Assis Brasil. Alguns dos indígenas que então passam por Ijuí se tornariam lideranças importantes de algumas áreas indígenas nas décadas seguintes, destacando-se Pénry, cacique de Nonoi por muitos anos.